

# O analista fala...

Maria Cristina Teixeira Prandini

Inventar a linguagem como algo que não se refere à realidade unívoca, mas a seus múltiplos desdobramentos e nuances.

*"Que lhe diz essa voz, que ele não saiba?  
Que novidade traz, a repeti-lo?"*

Carlos Drummond de Andrade<sup>(1)</sup>

**E**ste trabalho tem como ponto de partida algumas inquietudes, dúvidas a respeito de um tema que sempre me intrigou: a interpretação.

Eu começaria com uma reminiscência da minha análise pessoal, um momento de resistência talvez, onde eu dizia ser a interpretação o escudo do analista, atrás do qual ele pode se ocultar. Posteriormente, a impressão, queixosa não há dúvida, se modifica e a interpretação passa a se pôr onde o analista se apresenta e... corre riscos.

Nos grupos de supervisão, o momento que o analista revela sua fala interpretativa tem sempre um clima de expectativa, algo meio solene, talvez pelos ecos de palavras como: "O analista se faz na interpretação" — Fábio Herrmann<sup>(2)</sup>; ou ainda, "a interpretação é o ato mais visível do analista, aquele em torno do qual se articula sua identidade, aquele que é o sinal do seu *status*" — Sérvulo A. Figueira<sup>(3)</sup>.

Maria Cristina Teixeira Prandini — Psicanalista, membro do Departamento de Psicanálise do Instituto Sedes Sapientiae.

(\*) Trabalho apresentado em grupo de seminário no Curso de Psicanálise em dezembro de 1988.

Muitas vezes, não é difícil perceber a fala do analista como continente de outras falas, assim como: o que diz a teoria, o que diz o supervisor, ou mesmo o que diz, ou incita a dizer, o conflito nele atualizado/atuado pelo analisando. Algumas questões se delineiam: para quem o analista fala, a partir de que origem e qual o seu objetivo?

Recorrendo ao *Vocabulário de Psicanálise* (Laplanche e Pontalis), temos... “a interpretação traz à luz as modalidades do conflito defensivo e, em última análise tem em vista o desejo que se formula em qualquer produção do inconsciente”, e ainda... “comunicação feita ao indivíduo, no tratamento, procurando fazê-lo aceder a esse sentido latente”<sup>(4)</sup>.

Talvez estas formulações esclareçam os objetivos pelos quais se interpreta, ou seja, a interpretação, longe de explicar ou traduzir as palavras do analisando, deve “trazer à luz” algo que permita ao sujeito em questão, o acesso a sua subjetividade.

Isso me remete à distinção feita por Bachelard em *A Poética do Espaço* entre metáfora e imagem poética. No seu modo de ver, a metáfora “vem dar corpo concreto a uma impressão difícil de exprimir”<sup>(5)</sup>, mas como produto de racionalizações, se presta a explicar uma observação da realidade sensível. Deveria ser um “acidente de expressão”, mas o que ocorre é que ela se repete, dado ao seu caráter explicativo, finalizando um enunciado, embrutecendo a imagem que a constitui, fazendo-a perder sua espontaneidade.

A imagem poética, “proveniente da consciência sonhadora”, pelo contrário, é um convite, um convite ao devaneio. Somente através do sonho vamos de encontro a uma “imagem viva”, já que muitas vezes, de início, ela nos surpreende, causa estranhezas, provoca buscas... “A imagem poética não está submetida a um impulso. Não é o eco de um passado. É antes o inver-

so: pela explosão de uma imagem, o passado longínquo ressoa em ecos”<sup>(5)</sup>.

Interpretação: metáfora, imagem poética? Muitas vezes em discussões psicanalíticas, sabe-se por antecedência o que será dito, proliferam-se metáforas que explicam, e “quando se pressente uma metáfora, é a imaginação que não está mais em causa”<sup>(5)</sup>.

Conceber a interpretação como modelo estruturado em torno de

tuição, onde uma qualidade do vivido é apreendida na sua especificidade, no que tem de essencial, sem que se domine seu processo de elaboração. O modelo construímos tal como a metáfora; a intuição, como a imagem poética, nos surpreende.

A interpretação entendida como metáfora, que traduz ou explica a fala do analisando talvez soe diferente da interpretação poética, que, proveniente da intuição, surpreende, tem força inovadora, en-

## Interpretação: metáfora, imagem poética?

O analista precisa de licenças analíticas,

licenças poéticas que lhe permitam

*sonhar o sonho* do analisando,

para que, com suas palavras possa

afastar estranhezas, ou introduzir estranhezas...

metáforas faz parte da prática psicanalítica: a relação mãe-bebê, a transferência como continente das identificações projetivas do analisando, o conflito pulsional. Pensar a interpretação como modelo construído me conduz à diferença que Bion estabelece entre modelo e abstração.

“Construímos modelos a partir de imagens concretas da realidade apreendida, agrupadas numa sequência temporal, respeitando-se uma hierarquia, um eixo causal. Assim delimitamos uma experiência e a representamos”<sup>(6)</sup>.

A abstração está mais ligada à in-

quanto forma vazia não se prende a um significado, não conduz a um sentido, mas a múltiplos sentidos.

A interpretação concebida dentro de parâmetros estruturados, que se repetem, pode tornar a realidade da experiência analítica mais compreensível, menos estranha, e com isto se colar à fala do analisando, completando-a, refazendo-a, encerrando-a num sentido plausível e único. A interpretação poética não completa a fala do analisando, criando um desnivelamento, um estranhamento que convida ao sonho, permitindo o acesso a sua interioridade. ■

Possibilidades interpretativas. O momento clínico vivido, sempre inédito, é que vem privilegiar uma ou outra modalidade, num interjogo constante.

Para isto, talvez o analista precise de licenças analíticas, licenças poéticas que lhe permitam “sonhar o sonho” do analisando, para que, com suas palavras possa afastar estranhezas, ou introduzir estranhezas...

Freud, em seu texto *El Sinistro*, referindo-se à presença deste na ficção, na obra literária, tão bem o diz: “...muito do que seria estranho na vida real não o é na poesia; além disso a ficção dispõe de muitos meios para provocar efeitos estranhos que não existem na vida real”<sup>(7)</sup>.

Licenças poéticas. Inventar a linguagem, como algo que não se refere à realidade unívoca mas a seus múltiplos desdobramentos e nuances. Afinal, parafraseando Cortázar, eu diria que nós não somos o que somos; somos o que desejamos, o que lamentamos não ter sido, o que sonhamos ser um dia, o que hesitamos em saber que nunca seremos<sup>(8)</sup>. Fragmentações caleidoscópicas que, através da linguagem, tentamos alcançar. ■

## BIBLIOGRAFIA

(1) Andrade, C. Drummond — *A Paixão Médica* — Livraria José Olympio Editora.

(2) Herrmann, F. — *Andaimes do Real: vol. II — O cotidiano*.

(3) Figueira, S.A. — *O Problemático Prestígio da Interpretação* — Revista IDE — n.º 16 — 1988.

(4) Laplanche, J. / Pontalis, J. B. — *Vocabulário de Psicanálise* — Editora Martins Fontes — 1982.

(5) Bachelard, G. — *A Poética do Espaço* — Editora Eldorado — RJ.

(6) Silva, M. E. L. da — *Pensando o Pensar com W. R. Bion* — MG Editores — 1988.

(7) Freud, S. — *El Sinistro* (1919) — Obras Completas de S. Freud — Vol. III — Ed. Biblioteca Nueva.

(8) Cortázar, J. — *Os Prêmios* — Ed. Civilização Brasileira.